

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

O BRASIL REAL E O BRASIL DA TV

O início da era moderna inclui a descoberta da imprensa, por Guttemberg. Seu invento colaborou para a expansão das informações necessárias ao crescimento do capitalismo. De lá para cá, principalmente no século XX, com a invenção do rádio e tevê, os Meios de Comunicação Social se universalizaram de tal modo que, hoje, são considerados o quinto poder. Esse poder se estabelece com maior força na comunicação de massa. Com isso, a imagem que temos do Brasil é formada a partir do que se vê, do que se lê e do que se ouve. E isso é muito grave, pois a política de comunicação tem favorecido grupos econômicos, em detrimento do conjunto da população.

Depois que a televisão se instalou em nossa sala de visitas e em nosso coração, representando uma concepção de convicções e de cultura, a vida brasileira e as relações entre os brasileiros modificaram-se profundamente. É com a instalação da televisão que um novo Brasil vai surgir. Um Brasil para ser mostrado na tevê, fazendo crer que ela — a televisão — é a chance para o homem inculto, despossuído, fragmentado alcançar a visão global/total. O Brasil das regiões isoladas, sem identidade, rural e atrasado, será um Brasil moderno, urbano e industrial. "Televisão e integração nacional" foi o slogan que sustentou certo canal de televisão e os militares no poder por mais de vinte anos.

Por que começar uma conversa sobre Comunicação de Massa no Brasil falando em televisão? Porque a tevê é um marco que distingue os Brasils: há um Brasil provinciano, dos cantores do rádio, de ir ao cinema de mãos dadas. Da fala nordestina, gaúcha, mineira. E há um Brasil ingressando na sociedade de consumo, conquistando o oitavo lugar na economia mundial, necessitando, para seu sucesso, de receptores adequados ao modo capitalista de pensar.

O Brasil capitalista precisa de cabeças que se encaixem passivamente no sistema econômico. E o melhor meio encontrado para bloquear a crítica e a criação, o ser sujeito, foi a televisão, com sua linguagem envolvente,

mostrando a "vida como ela é". A televisão, que poderia ser um instrumento a serviço da verdade, reduzindo as barreiras de espaço e tempo, atuando como fator de proximidade e comunhão, de solidariedade humana e como benefício cultural, veio para dominar.

Colaborando com a tevê, a comunicação escrita, especialmente jornais e revistas, que é também controlada pelas elites, procura manter e reproduzir uma sociedade que beneficia poucos. Ao invés de serem o espaço de informação da população a serviço do desenvolvimento e da democracia, os jornais, revistas e similares geralmente optam por uma política de informar apenas o que interessa aos grupos dominantes. O analfabetismo, a pouca escolaridade que permite só assinar o nome, o baixo poder aquisitivo, a falta de hábito de leitura e o autoritarismo político nos tornam uma nação onde somente 20% da população são alcançados pela imprensa. Assim, o exercício do direito de informar e ser informado é propriedade de um pequeno número de brasileiros que, no caso de nosso capitalismo dependente, pertence ao grupo dominante. A própria concessão de emissoras de tevê e rádio é controlada totalmente pelo governo, que a utiliza para fins políticos e interesses pessoais. A Nova Constituição muda esta realidade, pelo menos em tese e na letra da Lei.

Resta ainda a publicidade, a propaganda veiculada na tevê, no rádio e na imprensa escrita. A televisão, autoritariamente, integrava os brasileiros e sua fala transformou a dor, a pobreza, a tragédia em show, legitimou um regime ilegítimo, produziu mitos e heróis, modas e necessidades, criou uma nova identidade de brasileiros, um novo perfil de Brasil. Assim, se o Jornal Nacional tranquilizou o sono dos ditadores nos anos 70 e a novela foi a maconha dos bem ajustados, nos anos 80 o discurso indignado é esvaziado, os colonos sem terra são invasores, o desrespeito à natureza é tragédia climática, a violência é feita por atos individuais, que a pena de morte ou o rigor da polícia podem sanar.

IMAGEM DE SERVA FIEL

1. Quando começou o Colégio Santo Antônio nos idos de quarenta, a bibliotecária foi dona Maria Helena. Eu tinha somente vinte e dois anos. Foi o meu primeiro amor. Primeiro e único. Não, não me casei não. Preferi ficar solteira. Para servir melhor. O senhor sabe: quem casa, quer casa. Depois dividir o amor com o marido e os filhos, com a família e a biblioteca... Fui esperando, esperando. Aí, um dia, meu dia passou, sabe? eu estava casada definitivamente com a minha biblioteca, com os meus alunos. Não, não me arrependo.

2. Dona Maria Helena é mais que bibliotecária. Toma conta da biblioteca que, de ano para ano, foi crescendo, graças à compreensão do diretor. E a compreensão do diretor ia crescendo na medida do zelo de dona Maria Helena. A pessoa certa no lugar certo. Dona Maria Helena é mais do que bibliotecária. É a orientadora experiente. É a informante capaz e prudente. É a conhecedora profunda dos livros. A senhora já leu todos os livros da biblioteca, dona Maria Helena? Sorri modesta e diz que ainda faltam muitos.

3. Um dia, aposentou-se. Quer dizer: tentou aposentar-se. Ao cabo de três semanas, a comissão composta do diretor, de todos os professores e de uma forte representação de alunos, foi visitá-la: Fique conosco, Dona Maria Helena. Precisamos da senhora. E a fiel servidora dos irmãos voltou alegre e feliz. Sempre sonhara terminar os dias como bibliotecária do Santo Antônio. Hoje como ontem. Dona Maria Helena trabalha com amor. Ela entendeu a palavra: O que vocês fizeram a um destes irmãos pequeninos, a mim o fizeram. Serva boa e fiel. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

REZAR PELAS VOCACÕES

- Os quatro evangelistas nos contam (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11; Jo 21,1-6.15-17) como Jesus escolheu, dentre os muitos discípulos e seguidores, doze que receberam o nome de apóstolos (cf. Mt 10,1-4; Mc 3,13-19; Lc 6,12-16). Dos Doze Jesus privilegia um — Cefas-Pedro — que será a pedra fundamental da Igreja visível. Com estas escolhas Jesus deu início a uma certa organização, a uma certa estrutura de Igreja para toda a História.

- Ligados ao ministério dos Doze e seus sucessores, os bispos, estão os ministérios que, por necessidade interna do Povo de Deus e da própria missão apostólica, foram introduzidos no correr do tempo: o diaconato, o presbiterato. E outros que vão surgindo.

- Como se trata de um grande ministério que de Jesus passa para a Igreja, através dos

Apóstolos e seus sucessores, e dos Apóstolos passa, em partilha, para outros ministros, compreendemos por que o próprio Jesus nos aconselha a oração pelas vocações sacerdotais e religiosas.

- Dois evangelistas sinóticos (Mateus, e Lucas) nos conservam a palavra do Divino Mestre que está na base de nosso dever de oração pelas vocações de Igreja:

- "A messe (isto é: a seara pronta para ser colhida) é grande, mas os trabalhadores são poucos; roguem, pois, ao dono da messe que envie trabalhadores para a sua messe" (Mt 9,37; Lc 10,2).

- Na economia da salvação Deus dispôs que todos nós participássemos do seu projeto de Amor. Daí por que, num assunto importante para a continuidade da missão de Jesus na

Igreja, cabe a todos nós trabalharmos, à nossa maneira, para que se multipliquem as vocações eclesiásias, de modo especial pelas vocações sacerdotais e religiosas.

- Vocação eclesiásia é graça que não depende da carne nem do sangue, mas da graça de Deus. E esta graça nós a merecemos através da oração feita com Jesus Cristo e com toda a Igreja.

- Se não cooperarmos, dificilmente Deus chamará membros do Povo de Deus para o ministério eclesiásia. A palavra de Jesus é normativa para todos nós. De nós depende, enquanto somos "colaboradores de Deus" (1Cor 3,9), receber do Espírito Santo as vocações sacerdotais e religiosas necessárias para nossa Pátria e para nossas dioceses. Que esperamos, para atender a ordem de Jesus? (A.H.)

5º DOMINGO DA PÁSCOA (23-04-1989)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa da Páscoa, série "A CAMINHO DO PAI", 2B; Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

 Cristo ressuscitou, aleluia! Venceu a morte com amor! Aleluia!

1. Tendo vencido a morte o Senhor ficará para sempre entre nós / para manter viva a chama do amor que reside em cada cristão a caminho do Pai.

2. Tendo vencido a morte o Senhor nos abriu um horizonte feliz / pois nosso peregrinar pela face do mundo terá seu final na morada do Pai.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. Bendito seja Deus Pai, que enxuga toda lágrima de nossos olhos.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo!

S. Bendito seja Jesus Cristo, que estendeu sua tenda no meio de nós.

P. Bendito seja Jesus Cristo, / que pela Morte e Ressurreição, / nos trouxe a libertação e a salvação eterna!

S. Bendito seja o Espírito Santo, que faz novas todas as coisas.

P. Bendito seja o Espírito Santo, / que nos reuniu aos irmãos!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Nossa liturgia de hoje nos mostra que, enquanto estivermos neste mundo, teremos lutas, tristezas, privações. Isto, porque não estamos purificados para entrarmos no Reino. Mas nosso Deus, o Senhor Onipotente, nos garante que o amor vencerá e a Páscoa da Libertação acontecerá com toda a força, se nos amarmos uns aos outros como Cristo nos amou. Com alegria, vamos nos unir nesta celebração pois, mesmo com nossas falhas, é possível vivermos como irmãos.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos: sofrimentos, lágrimas, dor, opressão e demora na vinda do Reino são provocados pelo pecado. Têm culpa os que nos exploram. Temos culpa, porque não lutamos para fazer novas todas as coisas. Arrependidos peçamos perdão. (Pausa para revisão de vida).

P. Confesso a Deus todo-poderoso, / e a vós irmãos, / que pequei muitas vezes, / por pensamentos e palavras, / atos e omissões (batendo no peito) / por minha culpa, minha tão grande culpa. / E peço a Virgem Maria, / aos anjos e santos, / e a vós irmãos, / que rogucis por mim a Deus, nosso Senhor.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém!

S. Na alegria de sermos perdoados por Deus e pelos irmãos, saudemo-nos uns aos outros no amor de Cristo.

P. (canta, enquanto dá o Abraço da Paz): Eu canto a alegria, Senhor, de ser perdoado no amor! (bis)

— Senhor, tende piedade de nós.

— Cristo, tende piedade de nós.

— Senhor, tende piedade de nós.

5 GLÓRIA

Glória, glória nas alturas! Paz e amor na terra aos homens! Dêem-vos glória criaturas! Dêem-vos graças e louvores!

1. Nós vos louvamos, ó Criador! Vos bendizemos por vosso amor!

2. Nós vos louvamos, Senhor Jesus! Vos aclamamos por vossa Cruz!

3. Espírito Santo Consolador! Vós que dais vida e sois Senhor!

6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, vós quebrastes as cadeias de nossa escravidão e nos adotastes como filhos. Velai sobre nós em vosso amor de Pai e concedei aos que crêem no Cristo a libertação e a herança eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

(As leituras podem ser dramatizadas)

7 PRIMEIRA LEITURA



C. União, compreensão e amor nos darão forças para a luta.

Leitura dos Atos dos Apóstolos (14,20b-26): "Naquele tempo, Paulo e Barnabé voltaram para as cidades de Listra, Iconio e Antioquia. Encorajando os discípulos, eles os exortavam a ficarem firmes na fé, dizendo-lhes: "É preciso que passemos por muitos sofrimentos para entrar no Reino de Deus". Os apóstolos designaram presbíteros para cada comunidade; com orações e jejuns, eles os confiavam ao Senhor, em quem haviam acreditado. Em seguida, atravessando a Pisidia, chegaram à Panfília. Anunciaram a palavra em Perge e depois desceram para Atália. Daí embarcaram para Antioquia, de onde tinham saído, entregues à graça de Deus para o trabalho que haviam realizado. Chegando ali, reuniram a co-

munidade. Contaram-lhe tudo o que Deus fizera por meio deles e como havia aberto a porta da fé para os pagãos". — Palavra do Senhor.

P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO (Sl 145)

C. O Senhor é muito bom pra com todos. Com alegria provemos as delícias do amor e do valor e do poder de Deus.

Quero cantar ao Senhor, sempre enquanto eu viver. Hei de provar seu amor, seu valor e seu poder!

SI. 1. Misericórdia e piedade é o Senhor, / ele é amor, é paciência, é compaixão. / O Senhor é muito bom para com todos, / suavemente abraça toda criatura.

2. Que vossas obras, ó Senhor, vos glorifiquem / e os vossos santos com louvores vos bendigam! / Narrem a glória e o esplendor do vosso reino / e saibam proclamar vosso poder!

3. Para espalhar vossos prodígios entre homens / e o fulgor de vosso reino esplendoroso. / O vosso reino é um reino para sempre, / vosso poder, de geração em geração.

9 SEGUNDA LEITURA

C. Mesmo no sofrimento nos alegramos porque a esperança cristã já acontece no mundo povo e da Igreja.

Leitura do Livro do Apocalipse de São João (21,1-5a): "Eu, João, vi uma terra nova. Pois o primeiro céu e a primeira terra passaram. O mar já não existe. Vi a cidade santa, uma nova Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, vestida como uma esposa preparada para o seu marido. Então ouvi uma voz forte que saía do trono. Dizia: "Esta é a tenda de Deus com os homens. Deus vai estender sua tenda sobre eles. Eles serão o seu povo. E o próprio Deus estará com eles. Deus enxugará toda lágrima dos seus olhos. A morte não vai existir mais. Não haverá mais choro, nem luto, nem dor. Porque as primeiras coisas passaram". Aquele que está sentado no trono disse: "Eis que eu faço novas todas as coisas". — Palavra do Senhor.

P. Graças a Deus.

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO

Aleluia! Aleluia! Aleluia!

1. O Cristo nossa Páscoa foi imolado / celebremos pois a festa com alegria.

2. Demos graças ao Senhor pois ele é bom porque eterno é seu amor.

11 EVANGELHO

C. A ordem de Jesus é: "Amem-se uns aos outros como eu os amei". Esta é a força que nos deve impulsionar na construção de uma nova sociedade.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João (13,31-33a.34-35).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, quando Judas saiu do Cenáculo, Jesus disse: "Agora foi manifestada a glória do Filho do Homem. Se nele foi manifestada a glória do próprio Deus, Deus mesmo vai manifestar a glória do Filho do Homem. E fará isso logo. Filhinhos, vou ficar só mais um pouco com vocês. Dou para vocês um novo mandamento: amem-se uns aos outros. Como eu os amei, assim também vocês devem se amar uns aos outros. Nisto todos conhecão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns para com os outros". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.
P. Criador do céu e da terra. /
E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor; / que foi con-
cebido pelo poder do Espírito Santo, / nas-
ceu da Virgem Maria, / padeceu sob Pôncio Pilatos, / foi crucificado, morto e sepulta-
do. / Desceu à mansão dos mortos, / ressus-
citou ao terceiro dia, / subiu aos céus /
onde está sentado à direita de Deus Pai todo-
poderoso, / donde há de vir a julgar os vivos
e os mortos. / Creio no Espírito Santo, /
na santa Igreja católica, / na comunhão dos
santos, / na remissão dos pecados, / na res-
urreição da carne, / na vida eterna. Amém.

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, peçamos a Deus, nosso Pai, que nos ajude a fazer novas todas as coisas, a fim de que o Reino não tarde mais:

L1. Que nossa liturgia, a catequese, a Formação e a Ação Social encorajem os irmãos a ficarem firmes na fé, apesar dos sofrimentos que o caminho para o Reino nos traz:
P. Senhor, escutai a nossa prece!

L2. Que nossa ação pastoral não seja apenas de rezas e palavras consoladoras. Mas que enxuguem realmente as lágrimas dos que sofrem, vença a morte e acabe com o luto e a dor do Povo de Deus:

L3. Que nosso amor seja solidário, ativo e transformador. Que, olhando-nos, possam as pessoas amar a Deus, que faz de nós irmãos que partilham e lutam pela nova sociedade e pelo Reino:

(Outras intenções da comunidade...)

S. Senhor Deus, são estes os nossos pedidos. Atendei-nos e cantaremos eternamente vossas maravilhas. Por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS



1. Vendo Jesus aparecer e com eles vir comer, explicando a Paixão / todos entendem que o Senhor está vivo, e, por amor, os envia em missão.

Ressuscitado, o Cristo apareceu; com seus amigos fez a refeição / e dando a paz, mandou anunciar o amor de seu Pai, em toda nação.

2. Hoje também, na refeição, revivemos a Paixão e a vitória da Cruz / Vinho e pão sobre o altar servirão pra anunciar: "Deus nos salva em Jesus".

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Oremos: Senhor Deus, vós nos fazeis participantes de vossa Vida e de vossa única e suprema divindade. Concede que, conhecendo vossa verdade e vivendo como irmãos, mereçamos a felicidade eterna do Reino. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Compete apenas ao sacerdote. No fim):

S. (canta): Tudo isto é Mistério da Fé!

P. (canta): Toda vez que se come deste Pão / toda vez que se bebe deste Vinho / se recorda a Paixão de Jesus Cristo e se fica esperando a sua volta! Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! Vem, Senhor Jesus, vem!

18 CANTO DA COMUNHÃO



1. São muitos felizes os que crêem mesmo sem ver / que estás, Senhor Jesus, sob o pão, presente e vivo no meio de nós.

"Eis o meu corpo, tomai e comei! Eis o meu sangue, tomai e bebei!"

2. Só tua vitória sobre a morte fez-nos sorrir. / É a alegria de saber: o futuro de nossa vida é viver junto ao Pai.

3. Com esta certeza de teu Reino estar entre nós / entregamos-te, Senhor, nossa vida a trabalhar na construção da paz.

4. Juntos nesta hora, nós queremos te agradecer / pois tua vida em nossa vida nos faz, Senhor, ser sinais de um futuro feliz.

19 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Deus de bondade, permaneci junto a vossa povo, que escutou vossa Palavra e comungou no Corpo e Sangue do Senhor. Ajudei-nos a passar do egoísmo antigo que leva à morte, para a vida nova do Cristo Ressuscitado. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade. Lembrar os compromissos que vamos assumir para viver o que celebramos).

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja com todos vocês.

P. Ele está no meio de nós!

S. O Senhor nos ajude a assumir o compromisso com a justiça e a paz, e a lutar contra a exploração do capitalismo.

P. Amém! Aleluia!

S. Nossa consciência se abra para a realidade que estamos vivendo e nos leve a lutar para fazer novas todas as coisas.

P. Amém! Aleluia!

S. A Páscoa do Senhor, que celebramos, nos leve à conquista de salário justo, melhores condições de vida, trabalho, moradia, escola, atendimento médico e terra para quem nela vive e trabalha.

P. Amém! Aleluia!

S. Abençoem-vos o Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor Ressuscitado nos acompanhe.

P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

1. Vamos, irmãos, cantar nossa alegria, / pois o Senhor Jesus ressuscitou!

Aleluia! Aleluia! Aleluia! Aleluia!

2. Vamos, irmãos, viver nesta certeza, / que o Senhor Jesus ressuscitou!

LEITURAS PARA A SEMANA:

2º-feira: At 14,5-18; Sl 115; Jo 14,21-26. /

3º-feira: (S. Marcos) 1Pd 5,5b-14; Sl 89;

Mc 16,15-20. / 4º-feira: At 15,1-6; Sl 122;

Jo 15,1-8. / 5º-feira: At 15,7-21; Sl 96;

Jo 15,9-11. / 6º-feira: At 13,22-35; Sl 57;

Jo 15,12-17. / Sábado: At 16,1-10; Sl 100;

Jo 15,18-21. / Domingo (VI da Páscoa)

At 15,1-2.22-29; Sl 67; Ap 21,10-14.22-23;

Jo 14,23-29.

CASA GRANDE, SENZALA E CAPELA

Valéria Rezende

Era para os engenhos de açúcar, cercados de imensas plantações de cana, que ia a grande maioria de escravos africanos. Afastado das cidades do litoral, com a dificuldade de transporte daquele tempo, sem estradas, cada engenho era quase como um mundo fechado, que vivia sem comunicação com o resto da colônia; a não ser para o comércio do açúcar que saía e de algumas poucas mercadorias que entravam, entre elas os escravos. Nas próprias terras do engenho e usando o trabalho dos escravos, era produzido quase tudo que o engenho necessitava para viver: os mantimentos, os móveis de madeira, carroças, o algodão e o pano grosso para vestir os escravos, e outros objetos de uso doméstico para a casa grande. De fora, vinham os vinhos e outros artigos de luxo, para o senhor de engenho e sua família.

Em volta do terreiro principal do engenho, encontravam-se sempre a casa-grande, moradia do senhor do engenho e sua família, a capela e a senzala, onde os escravos ficavam trancados à noite. Aqueles eram os lugares em que o proprietário tinha um poder absoluto. Havia, entretanto, um outro espaço, pequeno e escondido, o terreiro dos escravos, onde eles realizavam seus cultos religiosos africanos, seus batuques, onde certamente se

comunicavam uns com os outros, lembrando as coisas da África, sonhando com a liberdade, planejando fugas. Ali, do jeito que podiam, os cativos se defendiam do domínio do senhor.

Nos engenhos mais ricos, havia sempre um padre, que ali vivia como capelão. A função desses capelões de engenho, em geral, era ensinar aos filhos do proprietário, celebrar a missa e dirigir as orações na capela do engenho, e também fazer a catequese dos escravos. Convivendo com a casa grande e comando à mesa do senhor de engenho, é claro que esses padres estavam comprometidos com seus patrões e não pensariam em defender os escravos.

Alguns escravos eram utilizados para os serviços domésticos e tinham certos privilégios e um trabalho mais leve. A grande maioria dos negros, porém, trabalhava nos canaviais e no engenho, sem descanso, com uma péssima alimentação, sofrendo castigos violentos, desde a prisão às chicotadas e maltratos de toda espécie.

Havia também alguns trabalhadores que não eram escravos e que recebiam salários, como os mestres que dirigiam o trabalho do engenho, ou os feitores que vigiavam os escravos. Em alguns engenhos, a parte da terra que

não servia para a cana podia ser arrendada a algum agricultor pobre, para alimentos. Nesse mundo fechado do engenho, o proprietário reinava com poder quase total, até de vida e morte, sobre seus dependentes. A religião era vivida de modo independente, cada engenho fazendo sua própria catequese, seu culto, suas rezas e costumes. Tudo debaixo do poder do proprietário. Assim como o Rei era o chefe da Igreja portuguesa, dentro do engenho, o proprietário é que era o verdadeiro chefe religioso. O capelão estava totalmente sujeito ao senhor de engenho, e nada fazia dentro da propriedade que não fosse conforme os desejos do dono.

O catolicismo dos engenhos, por causa do isolamento, quase não recebeu influência dos verdadeiros missionários. A religião que ali se ensinava e vivia era aquela que interessava ao proprietário e era transmitida pelo capelão, pelos feitores e pela senhora do engenho, a dona da casa grande. Às vezes, passavam pelos engenhos os vigários das paróquias ou alguns missionários ambulantes, mas apenas para uma visita e pregação. Esses também se hospedavam e se fartavam na casa do dono e estavam por isso comprometidos com ele, defendendo seus interesses. Não havia padre que entrasse nos engenhos, independente da vontade do senhor.

VIVER EM CRISTO

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

É significativo que encontremos na espiritualidade pascal o tema do mandamento do amor: "Um novo preceito eu vos dou: que vos ameis uns aos outros. Assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Todos hão de saber que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,34-35). O amor é o que distingue o discípulo de Cristo neste mundo. Amor semelhante ao amor de Jesus Cristo, que dá sua vida por todos. Amor que passa pela cruz.

Entre as experiências pascais dos cristãos existe uma que se caracteriza por uma nobreza toda especial: o amor ao próximo. O amor constitui uma passagem. Supera o egoísmo. Exige um sair de si mesmo e dar um passo em direção ao outro. A experiência do amor ao próximo torna o homem e a mulher semelhantes a Deus, pois Deus é amor.

O homem e a mulher são chamados a amar o próximo, a todo próximo, porque Deus nos amou primeiro e deu sua vida por todos. Desta forma, espelham, manifestam o próprio Deus; apontam para ele. São profetas e profetas.

Outro aspecto da nobreza do amor ao próximo. Por ele a pessoa humana vive a realidade última já neste mundo. O amor ao próximo vivido neste mundo não nos é tirado. Ele penetra na eternidade, pois forma a comunidade eclesial, o Corpo místico de Cristo. Constitui uma forte experiência de vida que permanece e, por isso mesmo, uma intensa experiência pascal.

É este o motivo por que os cristãos não precisam ir longe para buscar motivos de celebração da Páscoa. Basta viverem o amor ao próximo intimamente associado ao amor a Deus: o amor conjugal, o amor fraternal

na família e o amor fraterno na sociedade. O amor verdadeiro é fonte de vida e passa pela cruz da renúncia de si mesmo. Onde o amor e a caridade, Deus está. Pode-se então, celebrar a festa da vida.

Interessante que num dos evangelhos pascais é João evangelista quem reconhece o Senhor "O discípulo a quem Jesus amava disse então, a Pedro: 'É o Senhor'". João é o discípulo do amor. Sim, é no amor que se reconhece a Deus. É no amor que o Senhor se dá a conhecer.

Também os discípulos de Cristo são gerados e reconhecidos no amor. Amor-serviço, amor-benevolência, amor-doação, que nasce do Pai comum e do irmão maior, Jesus Cristo ressuscitado.

O amor é pois o modo mais concreto de se viver a espiritualidade pascal, fazendo-se reconhecer o Cristo ressuscitado no mundo.

Carlos Mesters

É na hora em que os cristãos se reúnem em torno da Eucaristia, onde o pão é quebrado e distribuído, onde celebram e colocam presente a morte e a ressurreição do Senhor (1Cor 11,26), é lá que está a fonte de onde nasce, ou deveria nascer, essa águia nova, que pode irrigar a árvore da vida e capacitarla para produzir frutos. Essa convivência em torno da mesa é que abre os olhos (Lc 24,31) e faz perceber a voz de Cristo, seja na palavra da Bíblia (Lc 24,32), seja no companheiro anônimo que vai com a gente, na estrada da vida (Lc 24,15-35). Lucas aponta esses três canais de comunicação com Cristo e com a sua força; o irmão ao nosso lado, a Palavra de Deus e a reunião de amigos em torno da mesma fé e do mesmo ideal, na Eucaristia. Percebe-se aqui quanto ainda falta, para que a atual renovação litúrgica possa atingir realmente o seu objetivo. Usando esses três meios, os cristãos encontrarão modos de vencer a crise e redescobrir, na sua vida, o sentido da sua fé na ressurreição, ou seja, da sua fé no Cristo vivo no meio deles.

NA CONDIÇÃO MORTAL E JÁ RESSUSCITADOS

Aqui está a absoluta novidade da ressurreição: no terceiro dia após a morte de Jesus, aqueles onze homens tiveram a experiência certa e inconfundível de que Jesus estava vivo (Lc 24,5-34). Era Ele mesmo, o mesmo Jesus, com o qual tinham convivido durante três anos (At 10,40-41). As aparições o confirmavam (Mc 16,9-14; 1Cor 15,1-4). Era Ele mesmo. Jesus transpôs uma barreira que jamais homem algum tinha transposto. Este Cristo vitorioso sobre a morte estava agora com eles, amigo deles. Era a evidência mesma, embora tivessem tido alguma dificuldade em acreditar logo nesse acontecimento novo e inesperado (Lc 24,10-11.37-43; Jo 20,25). Agora, não havia mais motivo para sentir-se derrotado diante da realidade. Eles também ressuscitaram. O véu do futuro abriu-se de novo, para nunca mais fechar-se. Uma nova esperança nasceu. Uma nova força entrou na vida deles, a força de Deus, força tão grande que conseguia tirar a vida da morte (Ef 1,19-20). Força ligada à pessoa viva de Jesus Cristo, invisível em si mesma, mas visível nos seus efeitos. Força mais forte do que tudo aquilo que antes matava neles a esperança. Todas aquelas barreiras que im-

pediam a vida e que matavam a esperança, tudo aquilo foi vencido: a força do imperialismo romano, do farisaísmo da opinião pública, da mentalidade flutuante do povo. As forças da morte foram derrotadas. A guerra já estava vencida, embora a batalha continuasse ainda. Era questão de tempo apenas. Nada mais podia amedrontá-los: enfrentavam o povo, os judeus, o sínédrio, os romanos, os fariseus, a tortura, a prisão (cf. At 2,14; 4,8.19.23-31; 5,29.41; etc.).

A vida que neles nascera já transpusera a morte, já era vida nova e vitoriosa (cf. Ef 2,6). Mesmo que tivessem de sucumbir sob os golpes da morte, a vida não morria mais (cf. 1Cor 15,54-58). Agora tinha sentido resistir, não se conformar à situação e agir para transformá-la. Mesmo assim, os cristãos, andando pela estrada da vida, perseguidos pelo império romano, levantavam a pergunta: "Mas onde encontrar esse Cristo vivo, onde descobrir essa força que Ele comunica?" Lucas responde, contando o episódio dos dois senhores que caminhavam pela estrada, em direção a Emaús. Estes descobriram o Cristo e o "reconheceram ao partir o pão" (Lc 24,35).